

## ESCRITA (1975 – 1988) INDÚSTRIA CULTURAL – LITERATURA - IMPRESA<sup>1</sup>

*Nilcéia Valdati<sup>2</sup>*



No número 152 do jornal *Opinião*, de três de outubro de 1975, na página 22, uma pequena nota, intitulada “Para abrir as gavetas”, anuncia:

Marcou-se para a última quarta-feira, dia 1º num bar-restaurante que fica atrás do TUCA, em Perdizes, São Paulo, o lançamento de mais uma tentativa de se vender a literatura como um artigo possível e digno de ser consumido em forma de revista. Que nasce com o nome de *Escrita*, não apenas para popularizar certos textos

geralmente limitados aos manuais literários – ou simplesmente esquecidos – como também para abrir caminho para esta vasta produção que permanece no fundo das gavetas dos nossos escritores”. É o que garante a editora Vertente. Haverá em suas páginas espaço para todos os setores, sem exclusão de editores, livreiros, distribuidores, autoridades educacionais, normalmente enquadrados como inimigos públicos dos poetas e romancistas. No elenco do primeiro número figuram algumas das atrações de praxe das letras nacionais, como João Antônio, José J. Veiga, Antônio Torres, ao lado do santo padroeiro da marginalia em franca reabilitação religiosa: Lima Barreto. Tem 32 páginas e custa Cr\$10.00.

Se qualquer objeto de estudo se abre a inúmeras leituras, dentro de um periódico os objetos se multiplicam. E é essa multiplicação que impõe a divisão como uma das tarefas mais difíceis: é necessário esquecer e ignorar muitas possibilidades para recortar e privilegiar uma delas. Assim, a leitura desta nota me fez, mais uma vez, revisitar a revista *Escrita*. E nessa revisita passei por alguns pontos: parti da nota publicada no *Opinião*, segui descrevendo a revista e elaborando algumas noções da autodenominação

---

1 Este trabalho, embora tenha sofrido algumas alterações, foi apresentado na defesa de dissertação de mestrado intitulada: “O livro está pronto. E agora?” Uma leitura de *Escrita*”, defendida em 29 de setembro de 2000, na UFSC.

2 Mestre em Literatura – UFSC.

*alternativa*, continuei o caminho, questionando sobre como a revista coloca a literatura, o escritor, o leitor, o produtor, para chegar a uma leitura de *Escrita*.

Percebo que a nota faz uma breve apresentação de uma revista, que nascendo com o nome de *Escrita*, circula durante treze anos com várias alterações: desde mudanças de periodicidade, tipologias textuais, capa, editora, distribuidora, formato, tamanho, preço, à criação de desdobramentos como *Escrita/Livro* e *Escrita/Ensaio*. Mudanças que me permitiram dividir a existência do periódico em três fases: primeira, do número um ao vinte e sete, 1975-1978; segunda, do número vinte e oito ao número trinta e três, 1979-1983; e terceira fase, do número trinta e quatro ao trinta e nove, 1986-1988.

Nos primeiros anos, ou seja, na primeira fase, o papel-jornal, a ficção, a venda em bancas, as assinaturas, a periodicidade mensal, os concursos, a tiragem de 15 mil exemplares ganhavam destaque, mas já no final dos anos 70, há o primeiro desaparecimento do mercado editorial. O retorno se dá alguns meses depois, de cara nova, com formato livro, mais poesia, ensaio, tradução, venda em livraria, periodicidade irregular; no início dos anos 80, novo desaparecimento e conseqüente retorno alguns anos depois. Nesta última fase, retoma os propósitos da primeira, mas o que surge é a periodicidade escassa, o predomínio de ensaio, e a tiragem baixíssima, a ponto de alguns anos depois a única forma de encontrá-la para pesquisa foi garimpar um depósito<sup>3</sup>.

Tais “fases”, construídas pelas alterações por que passou *Escrita*, conduzem a pensar sobre a própria autodenominação da revista: “alternativa”, pois além de nascer como *Escrita*, a nota não menciona, mas a revista também se autodefine: *alternativa*. Dentre as várias possibilidades que o termo sugere, em *Escrita* elas proliferam. Alternativa pelo desejo de se vincular à *imprensa alternativa*, por apresentar saídas ou por se colocar como uma saída, por apresentar possibilidades e viver multiplicando-as para sua própria existência. Alternativa para escritores com originais na gaveta, para os textos esquecidos, ou seja, uma alternativa para a elaboração de uma memória. Alternativa para os leitores. Alternativa que se renova em cada fase da revista para manter-se como alternativa.

Assim, a alternativa chamada de *Escrita*, presente na pequena nota, convida para a festa de apresentação de um produto: a literatura. Um produto, ou melhor, um

---

<sup>3</sup> Na tentativa de completar a coleção da revista *Escrita* foi preciso entrar em contato com o editor Wladyr Nader. Ele forneceu todos os números necessários, que estavam num depósito alugado.

artigo “possível” e “digno” de ser consumido em forma de revista. Repito: literatura, revista, digno, possível. A ordem dos elementos aqui não importa, mas interessa como concebê-los juntos. À primeira vista, dois substantivos e dois adjetivos. O produto como literatura, porém a revista também como produto e meio. Produtos que embora valham 10 cruzeiros e tenham 32 páginas, dentro do mercado necessitam de determinada qualidade. Mas como determinar o produto digno e o possível? Quais os critérios de valor que asseguram a dignidade e a possibilidade de esses produtos circularem?

Os termos digno e possível me fazem ver que quando Wladyr Nader, o editor, exige que o joio seja separado do trigo e que da quantidade saia a qualidade<sup>4</sup>, o que está em questão é a omissão destes critérios para determinar o que pode ser chamado de bom, ou ruim, o que pode ser denominado joio e o que pode ser classificado como trigo.

Porém, além de a literatura e a revista serem consideradas produtos consumíveis, há outros produtos nesse mercado que também geram questionamentos sobre o valor dos produtos em circulação. Um deles, o que pode ser utilizado como metáfora da circulação desses bens materiais e simbólicos, é a figura do escritor. Uma figura que permeia as páginas dos trinta e nove números da publicação. Recordo-me, nesse momento, de duas personagens que habitam as páginas de *Escrita*, em momentos distintos. Uma presente no número inaugural da revista: um escritor, protagonista de uma HQ, assinada por José Américo Mikas<sup>5</sup>. Uma personagem que caminha até uma editora com os originais sob o braço. Um tipo franzino, vestido com uma capa de chuva, com a cabeleira crespa, nariz grande, um escritor remanescente do final dos anos 60, que se aloja nos 70, na procura por um lugar ao sol no mundo do literário. Contudo, mais uma vez a recusa dos originais é o que lhe resta. Enquanto sai da editora pensa: “Não sei porque tento se já conheço a resposta”. A outra personagem retiro do número trinta e quatro, onde ela ilustra o primeiro texto da seção intitulada “Vida Literária”<sup>6</sup>. Uma personagem que lembra aquela dos primeiros anos da revista: um escritor, vestido informalmente, franzino, de óculos, careca, que se arrasta agachado entre as pernas de figurões com os originais sob os braços para, também, conseguir um lugarzinho.

Se a nota alertava para o nascimento de um periódico, nascia também aí mais uma alternativa, a de um projeto para a construção de um lugar para o escritor como

---

4 NADER, Wladyr. Escritor brasileiro, esse desconhecido. Apesar de tudo. *Escrita – revista mensal de literatura*. São Paulo: Press Editorial Ltda / Vertente Editora Ltda., ano XI, n.34, 1986, p.37-38.

5 MIKAS, José Américo. *Escrita – revista mensal de literatura*. São Paulo: Vertente Editora Ltda., ano I, n.01, 1975, p.30.

6 A ilustração é assinada por Nicolielo. A seção "Vida literária", assinada por Waldo Lydeker, é publicada do n. 34 ao 38. Ela procura mostrar "os bastidores" do mundo literário.

criação de um espaço para o literário. Um lugar que existe na condição de um jogo de forças. Embora a revista insista num lugar sagrado para o escritor, se percebe que ela vive dentro de um espaço que se configura como um entre, um lugar que pode ser denominado de *paratopia*, ou seja, um lugar que, segundo Mangueneau “vive da própria instabilidade de se estabilizar”<sup>7</sup>.

Uma instabilidade inconcebível para *Escrita* que, por isso, exige do Estado, do leitor e do mercado condições para a criação de um território muito bem demarcado para o escritor. Um território dentro da indústria das publicações, mas que não lhe apague a autoria do texto, que o escritor seja considerado o responsável, o grande criador. Há, neste sentido um dilema para o lugar do escritor, isto é, para o espaço do literário dentro da indústria cultural. Por um lado, a necessidade de entrar no mercado, na indústria; por outro, esta entrada apaga algumas noções que a revista quer preservar sobre a função/posição do escritor dentro da sociedade que, segundo ela, o mercado editorial não pode dar, muito pelo contrário, exclui.

De certa forma, parece haver duas noções de autores: uma, o autor do texto, o responsável pela obra, sacralizado; a outra, de autor enquanto produtor, escrevente, trabalhador assalariado que escreve, muitas vezes, até por encomenda. E, entre essas duas posições se instaura mais um o dilema: como ser autor dentro do mercado editorial? Em certo sentido, a revista rejeita a idéia de ver o texto apagar o escritor. Rejeita a morte do autor em benefício do nascimento do texto. Aliás, como fala Alberto Manguel

A relação primordial entre escritor e leitor apresenta um paradoxo maravilhoso: ao criar o papel do leitor, o escritor decreta também a morte do escritor, pois, para que um texto fique pronto, o escritor deve se retirar, deve deixar de existir. Enquanto o escritor está presente, o texto continua incompleto.<sup>8</sup>

Nesse momento também tomo uma das pautas, a do número trinta e quatro, em que a constatação sobre a situação do escritor dentro da indústria cultural é colocada de forma dolorosa. Diz o texto, intitulado "Se piorar, melhora":

Os escritores se decepcionaram com a bienal: queriam ser estrelas e foram apenas obscuros coadjuvantes. Não importa a quantidade de livros vendidos porque em nenhum momento conseguiram tomar pé da situação: solicitados para autógrafos, o

---

7 MANGUENEAU, Dominique. A paratopia do escritor. In: *Contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.31.

8 MANGUEL, Alberto. Os poderes do leitor. In: *Uma história da leitura*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.207-208.

livro aparecia mais; parados nos corredores, passavam despercebidos diante da avalanche humana, que ali estava mais pela festa do que pela cultura. Assim dessacralizados, lhes restou o anonimato, perturbador e injusto. Só no último dia a conclusão: fora a festa da indústria – desta principalmente – e do povo. Escritor escreve, editor edita, livreiro vende, leitor consome. Simples, não? Mas quem não gostaria de ter sido Caetano Veloso por um dia?<sup>9</sup>

Tanto na posição de Manguel, quanto na posição da revista, expressa pelo editorial citado acima, um elemento importante parece determinar a situação do escritor: o leitor. Se ele, por um lado, permite que o texto ganhe vida e mate o autor, por outro lado, dentro do mercado, ele se torna o consumidor que determina os lucros de vendagem do livro, mas não necessariamente a instauração da aura sobre o autor. O produto consumido pelo leitor é o livro, e o produto que a revista vende é o livro em forma de escritor. Um produto que precisa ter uma certa “qualidade”, mas quem não gostaria de ser Caetano Veloso por um dia? É a pergunta que ressoa, juntamente com outra: O livro está pronto. E agora? Uma pergunta que circula em todas as falas da revista: na nota publicada no *Opinião*, nas pautas, nos textos que ela publica.

A nota que convida para a festa, de antemão, avisa que a revista é criada com o propósito de circular uma produção esquecida e uma produção guardada na gaveta dos novos escritores, ou seja, escritas que estão prontas, mas que necessitam de uma atitude: a circulação. Circulação que pode ser empregada no sentido de divulgação, informação, formação, popularização, educação. A mesma atitude que levou à criação da revista como alternativa, tomada por um escritor ficcionista e jornalista, chamado Wladyr Nader.

Uma circulação que nas pautas é projetada camaleonicamente e panfletariamente, através de um discurso no qual a função atribuída ao escritor, ao veículo, ao leitor, à literatura é pensada e repensada constantemente.

Porém, esse discurso e essa função também circulam naquilo que a revista publica em suas páginas. Por exemplo, tomando o guia proposto por Geraldo Galvão Ferraz aos “novos escritores” para entrarem no mercado editorial<sup>10</sup> e a entrevista com a

---

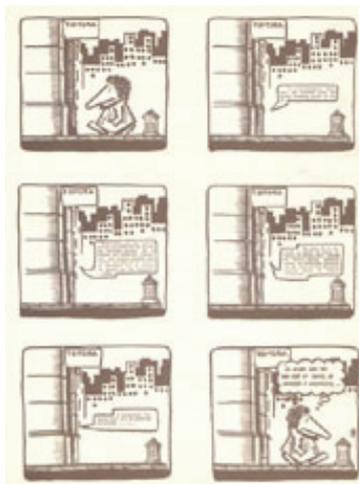
9 "Se piorar, melhora". Pauta. *Escrita*. São Paulo: Press Editorial / Vertente Editora Ltda., ano XI, n.34, 1986, p.03.

10 FERRAZ, Geraldo Galvão. O livro está pronto. E agora? *Escrita – revista mensal de literatura*. São Paulo: Vertente Editora Ltda, ano I, n.10, 1976, p.10.

escritora Adelaide Carraro<sup>11</sup>, algumas tensões despontam. Se no primeiro texto a adesão ao mercado era o propósito, no segundo, contudo, ao entrevistar Adelaide Carraro como sendo um exemplo de quem conseguiu quebrar a barreira do anonimato e “viver de literatura”, a revista questiona sobre o valor do literário através do tipo de produção feito pela escritora.

De um informe escrito por Leila Mícolis sobre a situação do Rio de Janeiro na passagem da década de 70 para a década de 80, sem a poesia, sem a imprensa alternativa, sem *boom 70* a um texto escrito por Wladyr Nader, já na última fase da revista, na esperança de retomar o curso, posições sobre a situação da produção e dos produtores são analisadas. Leila exige dos produtores uma atitude; retomando o poema de Drummond, ela pergunta: E agora? Wladyr Nader procura encontrar um lugar para o escritor dentro do mercado editorial, fazendo um balanço do processo pelo qual passou o escritor na tentativa de se tornar um profissional da escrita.

Em cena, está novamente a figura daqueles dois escritores, o primeiro que opta por se acostumar com a rejeição, o segundo que acredita que vida literária é mercado, isto é, um cansado, sem perspectivas, e outro que encontrou o caminho, ou pelo menos sabe qual é, e principalmente assume a condição de que será capaz de fazer qualquer coisa para entrar no mercado. O mercado é o que ele quer.



E a revista, o que quer? Se o escritor é um produto, a revista também se torna um produto dentro do mercado editorial. Assim, a revista quer o mesmo que o escritor: entrar no mercado. As três fases que mencionei anteriormente elaboram essa condição camaleônica que *Escrita* assume para sobreviver enquanto mercadoria em circulação. A revista se propõe como alternativa e faz uso do próprio termo para sobreviver dentro do mercado das publicações.

Desta forma, ao construir uma leitura de *Escrita* percebo a importância dos periódicos como documentos históricos, uma escrita que guarda desdobramentos contemporâneos da discussão entre literatura, indústria cultural e imprensa, e, outras escritas, que aguardam outras leituras.

---

11 CARRARO, Adelaide e NADER, Wladyr. Adelaide Carraro, uma mulher de dois milhões de exemplares vendidos. *Escrita – revista mensal de literatura*. São Paulo: Vertente Editora Ltda., ano II, n.18, 1997, p.03-09.